

A HOMILIA E O CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA
ANO C

SEXTA-FEIRA DA SEMANA SANTA
Celebração da Paixão do Senhor

CIC 602-618, 1992: a Paixão de Cristo

«POR NÓS, DEUS FÊ-LO PECADO»

602 Conseqüentemente, Pedro pôde formular assim a fé apostólica no plano divino da salvação: «fostes resgatados da vã maneira de viver herdada dos vossos pais, pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito nem mancha, predestinado antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por nossa causa» (1 Pe 1, 18-20). Os pecados dos homens, que se seguiram ao pecado original, foram castigados com a morte¹. Enviando o seu próprio Filho na condição de escravo², que era a de uma humanidade decaída e votada à morte por causa do pecado³, «a Cristo, que não conhecera o pecado, Deus fê-lo pecado por amor de nós, para que, em Cristo, nos tornássemos justos aos olhos de Deus» (2 Cor 5, 21).

603 Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente⁴. Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai⁵, assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» (Mc 15, 34)⁶. Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» (Rm 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» (Rm 5, 10).

DEUS TOMA A INICIATIVA DO AMOR REDENTOR UNIVERSAL

604 Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10)⁷. «Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (Rm 5, 8).

¹ Cf. Rm 5, 12; 1 Cor 15, 56.

² Cf. Fl 2, 7.

³ Cf. Rm 8, 3.

⁴ Cf. Jo 8, 46.

⁵ Cf. Jo 8, 29.

⁶ Cf. Sl 22, 1.

⁷ Cf. 1 Jo 4, 19.

605 Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (Mt 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar⁸. No seguimento dos Apóstolos⁹, a Igreja ensina que Cristo morreu por todos os homens, sem exceção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»¹⁰.

TODA A VIDA DE CRISTO É OBLAÇÃO AO PAI

606 O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou»¹¹, «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (Heb 10, 5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu o plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (Jo 4, 34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» (1 Jo 2, 2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (Jo 10, 17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» (Jo 14, 31).

607 Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus¹². A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (Jo 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (Jo 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (Jo 19, 30), diz: «Tenho sede» (Jo 19, 28).

«O CORDEIRO QUE TIRA O PECADO DO MUNDO»

608 Depois de ter aceitado dar-Lhe o baptismo como aos pecadores¹³, João Baptista viu e mostrou em Jesus o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»¹⁴. Manifestou deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que Se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca¹⁵, carregando os pecados das multidões¹⁶, e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa¹⁷. Toda a vida de Cristo manifesta a sua missão: «servir e dar a vida como resgate pela multidão»¹⁸.

⁸ Cf. Rm 5, 18-19.

⁹ Cf. 2 Cor 5, 15; 1 Jo 2, 2.

¹⁰ CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de praedestinatione*, canon 4: DS 624.

¹¹ Cf. Jo 6, 38.

¹² Cf. Lc 12, 50; 22, 15; Mt 16, 21-23.

¹³ Cf. Lc 3, 21; Mt 3, 14-15.

¹⁴ Cf. Jo 1, 29.36.

¹⁵ Cf. Is 53, 7; Jr 11, 19.

¹⁶ Cf. Is 53, 12.

¹⁷ Cf. Ex 12, 3-14; Jo 19, 36; 1 Cor 5, 7.

¹⁸ Cf. Mc 10, 45.

- 609** Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim» (*Jo* 13, 1), «pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (*Jo* 15, 13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação dos homens¹⁹. Com efeito, Ele aceitou livremente a sua paixão e morte por amor do Pai e dos homens a quem o Pai quer salvar: «Ninguém Me tira a vida. Sou Eu que a dou espontaneamente» (*Jo* 10, 18). Daí, a liberdade soberana do Filho de Deus, quando Ele próprio vai ao encontro da morte²⁰.

NA CEIA, JESUS ANTECIPOU A OBLAÇÃO LIVRE DA SUA VIDA

- 610** Jesus exprimiu de modo supremo a oblação livre de Si mesmo na refeição que tomou com os doze Apóstolos²¹, na «noite em que foi entregue» (*1 Cor* 11, 23). Na véspera da sua paixão, quando ainda era livre, Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial da sua oblação voluntária ao Pai²² para a salvação dos homens: «Isto é o meu Corpo, que vai ser *entregue* por vós» (*Lc* 22, 19). «Isto é o meu “Sangue da Aliança”, que *vai ser derramado* por uma multidão, para remissão dos pecados» (*Mt* 26, 28).

- 611** A Eucaristia, que neste momento instituiu, será o «memorial»²³ do seu sacrifício. Jesus incluiu os Apóstolos na sua própria oferenda e pediu-lhes que a perpetuassem²⁴. Desse modo, instituiu os Apóstolos como sacerdotes da Nova Aliança: «Eu consagro-me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade» (*Jo* 17, 19)²⁵.

A AGONIA NO GETSÉMANI

- 612** O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-Se a Si mesmo²⁶, é aceite seguidamente por Jesus, das mãos do Pai, na agonia no Getsémani²⁷, fazendo-Se «obediente até à morte» (*Fl* 2, 8)²⁸. Na sua oração, Jesus diz: «Meu Pai, se é possível, que se afaste de Mim este cálice [...]» (*Mt* 26, 39). Exprime desse modo o horror que a morte representa para a sua natureza humana. Com efeito, esta, como a nossa, está destinada à vida eterna. Mas, diferentemente da nossa, é perfeitamente isenta do pecado²⁹ que causa a morte³⁰. E, sobretudo, é assumida pela pessoa divina do «Príncipe da Vida»³¹, do «Vivente»³². Aceitando, com a sua vontade humana, que se faça a vontade do

¹⁹ Cf. *Heb* 2, 10.17-18; 4, 15; 5, 7-9.

²⁰ Cf. *Jo* 18, 4-6; *Mt* 26, 53.

²¹ Cf. *Mt* 26, 20.

²² Cf. *1 Cor* 5, 7.

²³ Cf. *1 Cor* 11, 25.

²⁴ Cf. *Lc* 22, 19.

²⁵ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22ª, *Doctrina de sanctissimo Missae Sacrificio*, canon 2: DS 1752; Sess. 23ª, *Doctrina de sacramento Ordinis*, c. 1: DS 1764.

²⁶ Cf. *Lc* 22, 20.

²⁷ Cf. *Mt* 26, 42.

²⁸ Cf. *Heb* 5, 7-8.

²⁹ Cf. *Heb* 4, 15.

³⁰ Cf. *Rm* 5, 12.

³¹ Cf. *Act* 3, 15.

³² Cf. *Ap* 1, 18; *Jo* 1, 4; 5, 26.

Pai³³, aceita a sua morte enquanto redentora, para «suportar os nossos pecados no seu corpo, no madeiro da cruz» (1 Pe 2, 24).

A MORTE DE CRISTO É O SACRIFÍCIO ÚNICO E DEFINITIVO

- 613** A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens³⁴ por meio do «Cordeiro que tira o pecado do mundo»³⁵, e o *sacrifício da Nova Aliança*³⁶ que restabelece a comunhão entre o homem e Deus³⁷, reconciliando-o com Ele pelo «sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados»³⁸.
- 614** Este sacrifício de Cristo é único, leva à perfeição e ultrapassa todos os sacrifícios³⁹. Antes de mais, é um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega o seu Filho para nos reconciliar consigo⁴⁰. Ao mesmo tempo, é oblação do Filho de Deus feito homem, que livremente e por amor⁴¹ oferece a sua vida⁴² ao Pai pelo Espírito Santo⁴³ para reparar a nossa desobediência.

JESUS SUBSTITUI A NOSSA DESOBEDIÊNCIA PELA SUA OBEDIÊNCIA

- 615** «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» (Rm 5, 19). Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que «oferece a sua vida como sacrifício de expiação», «ao carregar com o pecado das multidões», «que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas»⁴⁴. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados⁴⁵.

NA CRUZ, JESUS CONSUMA O SEU SACRIFÍCIO

- 616** É o «amor até ao fim»⁴⁶ que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos todos no oferecimento da sua vida⁴⁷. «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (2 Cor 5, 14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor *por todos*.

³³ Cf. Mt 26, 42.

³⁴ Cf. 1 Cor 5, 7; Jo 8, 34-36.

³⁵ Cf. Jo 1, 29; 1 Pe 1, 19.

³⁶ Cf. 1 Cor 11, 25.

³⁷ Cf. Ex 24, 8.

³⁸ Cf. Mt 26, 28; Lv 16, 15-16.

³⁹ Cf. Heb 10, 10.

⁴⁰ Cf. 1 Jo 4, 10.

⁴¹ Cf. Jo 15, 13.

⁴² Cf. Jo 10, 17-18.

⁴³ Cf. Heb 9, 14.

⁴⁴ Cf. Is 53, 10-12.

⁴⁵ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

⁴⁶ Cf. Jo 13, 1.

⁴⁷ Cf. Gl 2, 20; Ef 5, 2.25.

- 617 «*Sua sanctissima passio in ligno crucis nobis justificationem meruit* – Pela sua santíssima paixão no madeiro da cruz, Ele mereceu-nos a justificação» – ensina o Concílio de Trento⁴⁸, sublinhando o carácter único do sacrifício de Cristo como «princípio de salvação eterna»⁴⁹. E a Igreja venera a Cruz cantando: «*O crux, ave, spes unica!* – Avé, ó cruz, esperança única!»⁵⁰.

A NOSSA PARTICIPAÇÃO NO SACRIFÍCIO DE CRISTO

- 618 A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»⁵¹. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»⁵², «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»⁵³. Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»⁵⁴ porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»⁵⁵. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários⁵⁶. Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor⁵⁷:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»⁵⁸.

- 1992 A justificação foi-nos *merecida pela paixão de Cristo*, que na cruz Se ofereceu como hóstia viva, santa e agradável a Deus, e cujo sangue se tornou instrumento de propiciação pelos pecados de todos os homens. A justificação é concedida pelo Baptismo, sacramento da fé. Conforma-nos com a justiça de Deus que nos torna interiormente justos pelo poder da sua misericórdia. E tem por fim a glória de Deus e de Cristo, e o dom da vida eterna⁵⁹;

«Mas agora, foi sem a Lei que se manifestou a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos Profetas: a justiça que vem para todos os crentes, mediante a fé em Jesus Cristo. É que não há diferença alguma: todos pecaram e estão privados da glória de Deus. Sem o merecerem, são justificados pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus. Deus ofereceu-o para, nele, pelo seu sangue, se realizar a expiação que actua mediante a fé; foi assim que Ele mostrou a sua justiça, ao perdoar os pecados cometidos outrora, no tempo da divina paciência. Deus mostra assim a sua justiça no tempo presente, porque Ele é justo e justifica quem tem fé em Jesus» (*Rm* 3, 21-26).

⁴⁸ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 1: DS 1529.

⁴⁹ Cf. *Heb* 5, 9.

⁵⁰ Aditamento litúrgico ao Hino «*Vexilla Regis*»: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 2 (Typis Polyglottis Vaticanis 1974) p. 313; v. 4, p. 1129 [a versão litúrgica em português difere um pouco: «Cruz do Senhor, és única esperança!»: *Liturgia das Horas*, v. 2 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 366; v. 4, p. 1267].

⁵¹ Cf. *1 Tm* 2, 5.

⁵² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

⁵³ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

⁵⁴ Cf. *Mt* 16, 24.

⁵⁵ Cf. *1 Pe* 2, 21.

⁵⁶ Cf. *Mc* 10, 39; *Jo* 21, 18-19; *Cl* 1, 24.

⁵⁷ Cf. *Lc* 2, 35.

⁵⁸ SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

⁵⁹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

CIC 612, 2606, 2741: a oração de Jesus

612 O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-Se a Si mesmo⁶⁰, é aceite seguidamente por Jesus, das mãos do Pai, na agonia no Getsémani⁶¹, fazendo-Se «obediente até à morte» (*Fl* 2, 8)⁶². Na sua oração, Jesus diz: «Meu Pai, se é possível, que se afaste de Mim este cálice [...]» (*Mt* 26, 39). Exprime desse modo o horror que a morte representa para a sua natureza humana. Com efeito, esta, como a nossa, está destinada à vida eterna. Mas, diferentemente da nossa, é perfeitamente isenta do pecado⁶³ que causa a morte⁶⁴. E, sobretudo, é assumida pela pessoa divina do «Príncipe da Vida»⁶⁵, do «Vivente»⁶⁶. Aceitando, com a sua vontade humana, que se faça a vontade do Pai⁶⁷, aceita a sua morte enquanto redentora, para «suportar os nossos pecados no seu corpo, no madeiro da cruz» (*1 Pe* 2, 24).

2606 Todas as desolações da humanidade de todos os tempos, escrava do pecado e da morte, todas as súplicas e intercessões da história da salvação estão reunidas neste brado do Verbo encarnado. E eis que o Pai as acolhe e as atende, para além de toda a esperança, ao ressuscitar o seu Filho. Assim se cumpre e se consuma o drama da oração na economia da criação e da salvação. Dele nos dá o Saltério a chave em Cristo. É no «hoje» da ressurreição que o Pai diz: «Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei. *Pede-Me*, e Te *darei* as nações por herança e os confins da terra para teu domínio!» (*Sl* 2, 7-8)⁶⁸.

A Epístola aos Hebreus exprime em termos dramáticos como é que a oração de Jesus realiza a vitória da salvação: «Nos dias da sua vida mortal, Cristo dirigiu preces e súplicas, com um forte brado e com lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte e, por causa da sua piedade, foi atendido. Apesar de ser Filho, aprendeu, de quanto sofreu, o que é obedecer. E quando atingiu a sua plenitude, tornou-Se, para todos aqueles que Lhe obedecem, causa de salvação eterna» (*Heb* 5, 7-9).

2741 Jesus também ora por nós, em nosso lugar e em nosso favor. Todos os nossos pedidos foram reunidos, de uma vez por todas, no seu brado sobre a cruz e atendidos pelo Pai na sua ressurreição; e é por isso que Ele não cessa de interceder por nós junto do Pai⁶⁹. Se a nossa oração estiver resolutamente unida à de Jesus na confiança e na audácia filial, obteremos tudo o que pedirmos em seu nome e muito mais do que isto ou aquilo: o próprio Espírito Santo que inclui todos os dons.

⁶⁰ Cf. *Lc* 22, 20.

⁶¹ Cf. *Mt* 26, 42.

⁶² Cf. *Heb* 5, 7-8.

⁶³ Cf. *Heb* 4, 15.

⁶⁴ Cf. *Rm* 5, 12.

⁶⁵ Cf. *Act* 3, 15.

⁶⁶ Cf. *Ap* 1, 18; *Jo* 1, 4; 5, 26.

⁶⁷ Cf. *Mt* 26, 42.

⁶⁸ Cf. *Act* 13, 33.

⁶⁹ Cf. *Heb* 5, 7; 7, 25; 9, 24.

CIC 467, 540, 1137: Cristo, o Sumo Sacerdote

467 Os monofisitas afirmavam que a natureza humana tinha deixado de existir, como tal, em Cristo, sendo assumida pela sua pessoa divina de Filho de Deus. Confrontando-se com esta heresia, o quarto Concílio ecuménico, em Calcedónia, no ano de 451, confessou:

«Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto duma alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, «semelhante a nós em tudo, menos no pecado»⁷⁰: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase»⁷¹.

540 A tentação de Jesus manifesta a maneira própria de o Filho de Deus ser Messias, ao contrário da que Lhe propõe Satanás e que os homens⁷² desejam atribuir-Lhe. Foi por isso que Cristo venceu o Tentador, *por nós*: «Nós não temos um sumo-sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas; temos um, que possui a experiência de todas as provações, tal como nós, com excepção do pecado» (*Heb 4, 15*). Todos os anos, pelos quarenta dias da *Grande Quaresma*, a Igreja une-se ao mistério de Jesus no deserto.

1137 O Apocalipse de São João, lido na liturgia da Igreja, revela-nos, primeiramente, um trono preparado no céu, e Alguém sentado no trono⁷³, «o Senhor Deus» (*Is 6,1*)⁷⁴. Depois, o Cordeiro «imolado e de pé» (*Ap 5, 6*)⁷⁵: Cristo crucificado e ressuscitado, o único Sumo-Sacerdote do verdadeiro santuário⁷⁶, o mesmo «que oferece e é oferecido, que dá e é dado»⁷⁷. Enfim, «o rio da Vida que corre do trono de Deus e do Cordeiro» (*Ap 22, 1*), um dos mais belos símbolos do Espírito Santo⁷⁸.

CIC 2825: a obediência de Cristo e a nossa

2825 Jesus, «apesar de ser Filho, aprendeu, por aquilo que sofreu, o que é obedecer» (*Heb 5, 8*). Com quanto mais razão nós, criaturas e pecadores, que n'Ele nos tornamos filhos de adopção! Nós pedimos ao nosso Pai que una a nossa vontade

⁷⁰ Cf. *Heb 4, 15*.

⁷¹ CONCÍLIO DE CALCEDÓNIA, *Symbolum*: DS 301-302.

⁷² Cf. *Mt 16, 21-23*.

⁷³ Cf. *Ap 4, 2*.

⁷⁴ Cf. *Ez 1, 26-28*.

⁷⁵ Cf. *Jo 1, 29*.

⁷⁶ Cf. *Heb 4, 14-15; 10, 19-21*; etc.

⁷⁷ *Liturgia Bizantina, Anáfora de São João Crisóstomo*: F. E. BRIGHTMAN, *Liturgies Eastern and Western* (Oxford 1896) p. 378 (PG 63, 913).

⁷⁸ Cf. *Jo 4, 10-14; Ap 21, 6*.

à do seu Filho para que se cumpra a vontade d'Ele, o seu plano de salvação para a vida do mundo. Somos radicalmente impotentes para tal, mas unidos a Jesus e com o poder do seu Espírito Santo, podemos entregar-Lhe a nossa vontade e decidir escolher o que o seu Filho sempre escolheu: fazer o que é do agrado do Pai⁷⁹:

«Aderindo a Cristo, podemos tornar-nos um só espírito com Ele e assim cumprir a sua vontade; desse modo, ela será feita na terra como no céu»⁸⁰.

«Considerai como Jesus Cristo nos ensina a ser humildes, fazendo-nos ver que a nossa virtude não depende só do nosso trabalho, mas da graça de Deus. Aqui, Ele ordena a todo o fiel que ora a fazê-lo de modo universal, por toda a terra. Porque não diz “seja feita a vossa vontade” em mim ou em vós, mas “em toda a terra”: para que dela seja banido o erro e nela reine a verdade, o vício seja destruído e a virtude refloresça, e para que a terra deixe de ser diferente do céu»⁸¹.

⁷⁹ Cf. *Jo* 8, 29.

⁸⁰ ORÍGENES, *De oratione*, 26, 3: GCS 3, 361 (PG 11, 501).

⁸¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaicum* homilia19, 5: PG 57, 280.